

O ouvido do surfista: prevenção e cuidado no discurso de praticantes amadores

<https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.2023e37186205>

Luiz Carlos Marinovic Doro*
Vinícius Demarchi Silva Terra**
Império Lombardi Junior**

*Universidade Federal de São Paulo, Baixada Santista, Santos, SP, Brasil.

**Departamento de Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal de São Paulo, Baixada Santista, Santos, SP, Brasil.

Resumo

A saúde é uma das motivações que impulsionam o crescimento da prática do surfe no Brasil, contudo pouco se discute sobre as suas condições de segurança. A literatura internacional demonstra que lesões agudas e crônicas são recorrentes e poderiam ser amenizadas pela saúde preventiva. Com o objetivo de apurar os discursos de surfistas experientes a respeito do uso de protetor auricular de silicone durante a prática do surfe, esta pesquisa exploratória com procedimentos de campo abordou os cuidados dos surfistas com relação aos ouvidos, quando esses estão em contato com as águas do mar, através de entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo. Os resultados demonstraram que os praticantes não mostram atitudes preventivas. Discute-se que os comportamentos de risco podem influenciar nesta cultura de cuidado, inibindo o uso de protetor auricular de silicone.

PALAVRAS-CHAVE: Surfe; Segurança; Riscos; Prevenção; Doenças do ouvido.

Introdução

Sol, ondas, praias, natureza, viagens e descontração fazem do surfe uma prática corporal atrativa no entendimento de muitos surfistas e da grande maioria das pessoas. Mundialmente, a popularidade do surf cresceu desde a estreia nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020¹. Novas pesquisas surgem a cada dia e estes estudos vêm demonstrando que esta prática é intrigante, desafiadora e traz benefícios à saúde, contribuindo para a melhora da qualidade de vida, tanto pelo desenvolvimento biopsicossocial quanto pelo seu potencial terapêutico e de formação humana cidadã²⁻⁶.

Conquanto, estes numerosos benefícios evidenciados podem ocultar alguns aspectos negativos no qual os surfistas estão suscetíveis. O atendimento às crescentes demandas da população precisa ter suporte na compreensão dos riscos e segurança no esporte. No campo da saúde, tem emergido nos últimos anos uma série de estudos sobre prevenção de doenças e acidentes ligados ao surfe, envolvendo lesões crônicas ou agudas, tais como dores na coluna

lombar, lacerações, fraturas dentárias, queimaduras faciais e infecções de ouvido⁷⁻¹¹.

Os achados de uma recente revisão demonstram que os surfistas se machucam com uma frequência de 0,74 a 1,79 lesões por 1.000 horas de surf e apontam que a maioria dos estudos são limitados por amostras pequenas, metodologia de coleta de dados pobre e restrições geográficas¹. Em termos de complicações crônicas, a exostose é considerada a lesão/condição mais frequente na população de surfistas. Ainda que a incidência do problema seja predominantemente leve (grau 1), a obstrução do canal auditivo pode causar perda auditiva e déficits de equilíbrio, impactando a performance no surfe¹².

Apesar da profusão de estudos internacionais sobre aspectos epidemiológicos de lesões crônicas como a exostose, investigando aspectos como prevalência, tratamento e prevenção do chamado “ouvido do surfista”³, pouco se sabe sobre este cenário no Brasil, e menos ainda se discute sobre os motivos que provocam resistência dos surfistas para a adoção de

medidas preventivas frente a tais lesões. STEINMAM¹³, em seu livro intitulado “Surf e Saúde”, comenta que problemas de ouvido, tais como, o surgimento de otites externas, são frequentes entre os surfistas. A principal causa dessa infecção é o contato regular com águas frias e ventos, o que pode resultar em concentração de água e sal dentro do canal auditivo. A forma mais eficaz para minimizar tal problema é a utilização de tampões de silicone na região quando tiver em contato com a água do mar.

Em Países da Europa como Reino Unido, Irlanda, Portugal e França há estudos científicos significativos¹⁴⁻²⁴ que constataram problemas de ouvido em surfistas, principalmente nos que surfam em águas frias, entretanto no Brasil não encontramos até o momento pesquisas que investigam especificamente a relação

do surfe com danos causados aos ouvidos. Desta forma, o objetivo do presente estudo foi investigar os aspectos subjetivos relacionados ao cuidado com o “ouvido de surfista” a partir dos discursos de surfistas experientes na Baixada Santista (SP). Dado o papel essencialmente relacional que o profissional de saúde adquire nos paradigmas contemporâneos de saúde, o encontro de subjetividades é priorizado aqui, pois resulta na produção de sentidos sobre os processos de adoecimento e cuidado²⁵. Estudos como de SOUZA et. al.^{26:563} apontam que são necessárias maiores investigações sobre os estados de saúde a partir das percepções subjetivas dos sujeitos, visto que podem esclarecer “as razões que levam ao jovem a não procurar o serviço ou não aderir às ações propostas a ele”.

Método

Participantes

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo sob o parecer número 1021/2017. Destaca-se que os participantes foram informados dos procedimentos, objetivos e benefícios da pesquisa e assinaram um termo de consentimento para utilização e divulgação dos dados que serão apresentados. Com delineamento qualitativo, a pesquisa foi realizada com sete surfistas amadores com idade entre 39 e 49 anos, sendo 6 (seis) do sexo masculino e 1 (uma) do sexo feminino. Como critério de inclusão utilizamos surfistas com dez ou mais anos de prática e como critério de exclusão ser atleta profissional de surfe.

Instrumentos

Para a realização da coleta de dados foi usada a entrevista semiestruturada e questionário

contendo perguntas abertas e fechadas. As perguntas versaram sobre como os surfistas se preparam para entrar na água, se já tiveram infecções de ouvidos e qual o conhecimento que tinham sobre as formas de prevenção do problema. Um diário de campo também foi utilizado para aprofundar as observações das práticas dos surfistas, do território e demais acontecimentos relevantes durante as entrevistas.

Procedimentos e análise

As respostas emitidas por eles foram captadas por meio de gravador digital com tempo médio de 30 minutos para cada entrevista. Após a gravação todas elas foram transcritas literalmente e categorizadas de acordo com a técnica de Análise de Conteúdo²⁷. Visando preservar o anonimato dos participantes, adotaram-se letras e números (P1, P2, P3 ...), identificando no texto, os depoimentos de cada sujeito.

Resultados

As informações obtidas, a partir das entrevistas semiestruturadas, foram organizadas e sistematizadas. São apresentadas, na TABELA 1, as características dos surfistas entrevistados e na TABELA 2, o histórico das infecções de ouvidos; na QUADRO 1, são

sumarizados os depoimentos dos surfistas quanto ao uso de proteção auricular.

O grupo de surfistas entrevistados, originário da cidade de Praia Grande, litoral sul de São Paulo, abrangeu 6 (seis) homens e 1 (uma) mulher, com

tempo de prática de surfe diversos, idade entre 39 e 49 anos, com escolaridade predominante o ensino superior completo.

Observa-se que 3 (três) surfistas relataram problemas com os ouvidos, todavia não realizaram tratamento específico para tais inflamações, que ocorreram na época

do ano em que a água estava com temperaturas baixas. Nenhum surfista declarou usar proteção auricular, como forma de resguardo, quando estavam no mar.

O QUADRO 1 sintetiza os depoimentos dos surfistas, levando em conta as justificativas de resistência ao uso de proteção auricular.

TABELA 1 - Caracterização dos surfistas entrevistados.

Nome	Sexo	Idade	Cidade	Escolaridade	Tempo de Prática
P1	masc.	44	Praia Grande	Ensino Médio	20 anos
P2	masc.	43	Praia Grande	Superior completo	21 anos
P3	masc.	39	Praia Grande	Ensino médio	18 anos
P4	fem.	40	Praia Grande	Superior completo	19 anos
P5	masc.	49	Praia Grande	Superior completo	20 anos
P6	masc.	45	Praia Grande	Superior completo	24 anos
P7	masc.	49	Praia Grande	Superior completo	27 anos

Fonte: Os autores.

TABELA 2 - Histórico de infecções nos ouvidos.

Nome	Problemas ouvidos	Estação do ano	Frequência	Tratamento	Utiliza protetores
P1	sim	inverno	baixa	não	não
P2	não	---	---	---	não
P3	não	---	---	---	não
P4	sim	inverno	alta	não	não
P5	não	---	---	---	não
P6	não	---	---	---	não
P7	sim	inverno	baixa	não	não

Fonte: Os autores.

QUADRO 1 - Depoimentos dos surfistas quanto ao uso de proteção auricular.

Categoria	Depoimentos
Invulnerabilidade	<p>“[...] não me preocupo muito em proteger meus ouvidos e não uso qualquer tipo de tampão” [P1]</p> <p>“não uso protetor de ouvido, porque até agora não sofri com isso, mas acredito ser esse um assunto bem importante. Essa é uma questão relevante para divulgar as futuras gerações” [P3]</p> <p>“[...] os ouvidos ficam entupidos, mas depois a água sai e melhora, conheço os protetores auriculares, mas pretendo não utilizar em minha prática do surfe” [P4]</p> <p>“[...] nunca me preocupei com os ouvidos, não tive complicações nesta região, mas sei que existiam tampões de silicone específicos para o surfe” [P6]</p> <p>“[...] não utilizo tampões de silicone ou outros equipamentos para proteger meus ouvidos, mas sei que existem tais equipamentos [P7]</p>
Desconforto e dispersão	<p>“[...] acho que usar protetor auricular atrapalha, tira o foco do surfe” [P2]</p> <p>“[...] sei da importância em proteger os ouvidos durante o surfe, através dos tampões de silicone, mas prefiro não usar” [P5]</p>

Discussão

Apesar do fator ambiental (água fria e ventos) ser determinante para a incidência da exostose, verificou-se nesta pequena amostra que o problema não é exclusivo dos surfistas europeus e pode ser encontrado em mares tropicais, sobretudo no inverno. Como atesta o estudo pioneiro de ALMEIDA²⁸, as lesões agudas (como lacerações, contusões, entorses e fraturas, muitas delas decorrentes do impacto com a própria prancha) são mais frequentes e mais facilmente reportadas no surfe, ao contrário das lesões crônicas de início gradual, tais como a exostose (ouvido do surfista) e o pterígio (olho do surfista), que envolve exposição prolongada a agentes externos, como umidade, frio, sol e vento¹². De fato, em esportes aquáticos com pranchas, o aumento do risco de lesão é diretamente proporcional ao número de sessões anuais e aos anos de prática, demonstrando que a experiência não é um fator protetor²⁹. Daí a importância de estudos com surfistas experientes, com mais de uma década de prática, para identificação destes impactos crônicos do surfe na saúde do praticante. Efetivamente, a exostose do canal auditivo pode permanecer clinicamente silenciosa até se transformar em otite externa com o passar dos anos, cometendo pessoas que tenham contato regular com as águas, em especial os praticantes de surfe, seja em temperaturas frias ou quentes^{13,30-37}. Constatou-se que os surfistas entrevistados não utilizam estratégias de prevenção para o “ouvido do surfista”. Ainda que todos os entrevistados revelem ter ciência dos equipamentos de proteção, é geral o desuso de protetores, tais como tampões de silicone para os ouvidos, ou gorros feitos de neoprene, como forma de “vedar” os ouvidos³⁸. A literatura médica³⁹⁻⁴² indica que a otite externa e a exostose do canal auditivo são doenças comuns entre os surfistas e o tratamento destas patologias começa na prevenção, com uso de tais dispositivos, que tem o objetivo, de acordo com COELHO^{43:3} “limitar a entrada de água para o canal auditivo externo e protegê-lo da exposição a ventos frios”.

Os motivos de resistência ao uso de medidas preventivas não têm relação direta com a frequência do problema. Quando inqueridos sobre os porquês do desuso, os depoimentos diferenciam-se em dois grupos: no primeiro, denominado “invulnerabilidade”, agrupam-se os surfistas que nunca sofreram do problema, ou não se preocupam, pois o acometimento é raro e com baixa intensidade; no segundo, nomeado “dispersão e desconforto”,

identificou-se surfistas que já tiveram contato com o equipamento, mas se incomodaram pelo desconforto gerado ou pela limitação da experiência sensorial provocada pelo equipamento. A seguir, discute-se tais categorias cogitando com a literatura, buscando compreender os sentidos que movem tais discursos, na perspectiva de desenvolver estratégias de cuidado em saúde que levem em conta as perspectivas dos sujeitos, suas singularidades e sua subjetividade.

Invulnerabilidade

O argumento mais frequente empregado para justificar a falta de cuidados preventivos é a ausência ou baixa frequência do “ouvido do surfista”. Embora atentos aos problemas relacionados à exostose do canal auditivo e ciente dos equipamentos de proteção, tais praticantes acreditam estar imunes à lesão. Segundo a literatura, os surfistas admitem a importância do uso e consideram possível a sua utilização em instante oportuno^{15,16}. Em nossos achados, este momento adequado ocorreria apenas quando vivenciassem sintomas graves da doença: o surfista P3 relata que “até agora não sofreu com isso”, e na mesma linha defende P6, que nunca teve “complicações nesta região”. A surfista P4, mesmo lidando com o problema de forma frequente - “os ouvidos ficam entupidos, mas depois a água sai e melhora” - não pretende iniciar o uso por hora. Dado que a disposição para o uso só ocorreria como forma de tratamento do problema, tomam escolhas conscientes de não fazer a prevenção e assumir um comportamento de risco, enfrentando sintomas pouco frequentes e parcialmente debilitantes. O desuso de equipamentos de prevenção também pode estar associado à percepção que os acometimentos se circunscrevem aos outros surfistas, indicando que a vulnerabilidade está no outro, não em si mesmo⁴⁴.

Em comparação com os praticantes de esportes de baixo risco, surfistas toleram mais o perigo⁴⁵. Alguns traços de personalidade dos surfistas estão associados a níveis mais altos de motivação intrínseca, desinibição, busca de aventura e abertura à experiência⁴⁶. Traços semelhantes caracterizam os praticantes de esportes extremos e estão diretamente associados aos altos valores para o comportamento de risco, sobretudo entre os homens⁴⁷.

A produção de risco é inerente à prática do surfe, e elemento constituinte da subjetividade em

esportes de aventura e natureza, em cuja arriscada fruição se desenvolvem estilos de vida. Como lembra LE BRETON apud SPINK^{48:63}, o comportamento de risco é “uma busca individual de identidade, ou de confirmação de si, através da brutalidade do enfrentamento imediato da morte”.

Ao estudar o gosto pelo risco presente no comportamento de esportistas que não o evitam, LE BRETON⁴⁹ elaborou uma interpretação antropológica que compreende o fascínio pelo risco como um rito de passagem. Frente a uma existência abalada por dúvidas, pelo tédio, pelo caos ou pelo excesso de controle e assepsia que modula a vida urbana dos praticantes, o enfrentamento metafórico da morte produz uma intensificação das experiências, um encontro com os limites do corpo e uma ampliação da percepção de presença no mundo que, por sua vez, propiciam afetos significativos e sensações de poder para aqueles que procuram sentido em jogos simbólicos com o morrer (e com o viver).

Esta perspectiva da Sociologia do Risco traz reflexões importantes para a saúde pública ao sugerir que os que os “interesses daqueles que atuam na prevenção de riscos podem se contrapor aos interesses dos sujeitos, o que, provavelmente, é causa de muitas das frustrações que envolvem os investimentos promocionais”⁵⁰.

As revisões sobre o tema da prevenção de lesões crônicas recomendam a instauração de programas educativos sobre o desenvolvimento e manejo da exostose e pterígio, de modo a aumentar a conscientização sobre condições não musculoesqueléticas comuns associadas ao surf². O modelo de 4 passos de Van Mechelen, que se tornou paradigmático para o desenvolvimento de *Injury Prevention Programs* (IPP), define que o planejamento e a avaliação dos programas de prevenção de lesões esportivas devem ser embasados por diagnósticos da incidência e gravidade dos problemas, seguido de análises sobre a sua etiologia⁵¹. Esta lógica preventiva tem sido atualizada por concepções mais contemporâneas, como o modelo *Translating Research into Injury Prevention Practice* (TRIPP) que priorizam os desafios do mundo real e levam em conta as dificuldades da implementação dos IPP, bem como as negociações e resistências culturais dos atletas e treinadores, que são as peças fundamentais na transformação dos comportamentos⁵².

O comportamento de risco e as subjetividades masculinas vêm sendo estudados pelas ciências sociais e é importante compreendê-los para que a

saúde pública possa tomar medidas adequadas a um grupo social que busca uma prática na qual o risco é um elemento inerente e produtor de engajamento: conforme avança na prática, o surfista segue em busca de lugares mais arriscados e ondas maiores, onde o risco de lesões aumenta exponencialmente. Como sintetiza SPINK^{48:20} “Correr riscos assume assim a positividade da energia e das emoções que fazem emergir o sentido da existência”.

Assim, a predisposição ao comportamento de risco pode ser um entrave para a efetividade das campanhas de conscientização sobre segurança esportiva ou programas de prevenção de lesões, pois precisam lidar com um público jovem que pouco se engaja em comportamentos preventivos, já que costuma seguir o comportamento e os hábitos do grupo no qual está inserido.

Campanhas de conscientização a respeito da exostose e de sua prevenção para os surfistas podem ser uma relevante estratégia para evitar que novos praticantes desenvolvam a doença¹⁸. Como defende ALMEIDA^{11:3} “É necessário que a informação existente seja divulgada, que se promova uma cultura (e mesmo uma “moda”) de prevenção”. Na Austrália, as campanhas têm sido efetivas para produzirem consciência sobre os problemas de ouvidos, contudo nem sempre conseguem produzir mudanças de comportamento e diversos surfistas ainda resistem ao uso do tampão de silicone^{37,53-54}. Uma vez que os cuidados com os ouvidos são quase inexistentes, ficam vulneráveis à entrada de água ocasionando a otite externa e a exostose do canal auditivo^{19,55-56}.

Ainda que os discursos dos participantes desta pesquisa não façam referência às questões de gênero, a questão merece ser apontada haja visto que houve apenas uma surfista no grupo entrevistado. De maneira geral, os homens reconhecem a importância dos cuidados com a saúde e avaliam positivamente esta atitude: “Essa é uma questão relevante para divulgar as futuras gerações” [P3]. Segundo CHAVES et. al.⁵⁷, os preditores mais significativos para o comportamento masculino em relação aos serviços de saúde são condições de controle, tais como a disponibilidade de atendimento, o agravo da doença e a necessidade de medicação. Conforme CARRARA et.al.^{58:665} “é justamente a centralidade da ideia de invulnerabilidade, ou seja, da convicção de potência, na construção da masculinidade hegemônica” que gera resistências e entraves às políticas de cuidado com a saúde do homem.

Desconforto e dispersão

Apesar da constatação de que parte dos surfistas se preocupam com os problemas de ouvido, causados pelo contato com a água do mar, a maioria não usa o protetor auricular, porém admitem que poderão usá-los no futuro^{10,14}. O presente estudo observou uma divergência frente a esses achados, visto que alguns surfistas entrevistados, mesmo sabendo da importância dos tampões de silicone para a prevenção de exostoses, admitem que não usarão de maneira alguma. Este é o caso de surfistas como P2: “[...] acho que usar protetor auricular atrapalha, tira o foco do surfê” e também P5, que prefere não usar, mesmo sabendo da importância. Semelhantes foram os achados de DEAN e BUDON⁴⁴ sobre a resistência à adoção capacetes de proteção em surfistas canadenses, alegando desconforto e influência negativa na performance entre os fatores principais do desuso, que também envolvem questões estéticas,

percepção de risco e projeção do problema no outro.

Entretanto, os fatos mencionados acima não podem ser generalizados quando falamos em esportes de aventura. PAIXÃO e SILVA⁵⁹ comentam que a maioria dos praticantes de rapel reconhecem a importância de se utilizar todos os equipamentos necessários para segurança e integridade física, sendo uma maneira eficaz para evitar acidentes e situações desagradáveis durante a prática.

Estudos demonstram que prevalência da utilização de equipamentos de proteção aumenta significativamente em praticantes de modalidades de combate e no contexto europeu^{39,60}, havendo associação significativa entre gênero e presença de lesões orais afetando, sobretudo, atletas do sexo masculino⁶¹. Ainda que haja um crescimento da aderência ao uso pelas campanhas de conscientização e tecnologias adaptativas, não foram encontrados estudos sobre a utilização de protetores auriculares no Brasil.

Considerações finais

É possível concluir que inflamações de ouvidos acontecem entre os surfistas, porém não são prevalentes. A falta de cautela frente a essa possibilidade pode proporcionar o surgimento de problemas no canal auditivo. Medidas de prevenção, tais como o uso de protetores auriculares, devem ser analisadas, dado que o tempo de contato com a água é relevante entre os surfistas.

Os participantes da pesquisa não tiveram inflamações de ouvidos consideráveis durante o tempo de prática, apenas desconfortos relacionados ao entupimento nesta região. Na ausência de demandas médicas, há desinteresse sobre possíveis agravamentos dessas infecções, pois desconhecem as complicações que podem ocorrer com o possível reaparecimento dos problemas do canal auditivo. Nenhum surfista entrevistado utilizava protetor auricular durante a prática, e alguns relataram que, apesar da larga vivência no surfê, desconhecem o protetor auricular como método de prevenção, sendo improvável que irão usar

em sua trajetória futura no surfê. O protetor auricular foi citado como algo que incomoda a região do ouvido e de certa maneira, reduz a concentração frente a necessidade de tomada de decisões frenéticas que as ondas exigem durante uma sessão de surfê.

Vale ressaltar que o resultado do presente trabalho tem algumas limitações, como por exemplo, baixa amostragem de participantes, público homogêneo (predominantemente homens e com alto nível de escolaridade) e a análise realizada apenas com surfistas do Litoral Sul de São Paulo, onde a temperatura da água é mais elevada. Sendo assim, é desejável que outras pesquisas sejam realizadas com surfistas de outros estados, principalmente os que surfam em águas com temperaturas frias, como por exemplo, no extremo Sul do país. Apesar dessas insuficiências, acredita-se que esta pesquisa possa trazer contribuições para fortalecer futuras discussões, ainda incipientes na conjuntura nacional, acerca dos problemas de ouvidos que acometem os surfistas amadores.

Nota

a. O ouvido do surfista é o nome dado popularmente à exostose do canal auditivo, que acarreta aos praticantes de surfê desconforto, zumbido, dor e sensação de entupimento na região.

Conflito de interesses

Os autores declaram não ter conflitos de interesse.

Abstract

The surfer's ear: prevention and care in the discourse of amateur practitioners.

Health is one of the motivations that drive the growth of surfing practice in Brazil, however little is discussed about its safety conditions. International literature shows that acute and chronic injuries are recurrent and could be mitigated by preventive health. With the aim of investigating the speeches of experienced surfers regarding the use of silicone ear protectors while surfing, this exploratory research with field procedures addressed the care of surfers with regard to their ears when they are in contact with the water of the sea, through semi-structured interviews and content analysis. The results showed that the practitioners do not show preventive attitudes. It is argued that risky behaviors as well as male subjectivity can influence this care culture, inhibiting the use of silicone ear protectors.

KEYWORDS: Surfing; Safety; Risks; Prevention; Ear diseases.

Referências

1. Minasian B, Hope N. Surfing on the world stage: a narrative review of acute and overuse injuries and preventative measures for the competitive and recreational surfer. *British J Sports Med.* 2022;56:51-60.
2. Amaral AV, Dias CAG. Da praia para o mar: motivos à adesão e à prática do surfe. *Licere.* 2008;11(3). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/891/688>
3. Rocha J. História do surf em Portugal: as origens. 1a. ed. Lisboa: Quimera Editores; 2008.
4. Doro L. Surfe e qualidade de vida do idoso: uma pesquisa exploratória [dissertação]. São Paulo (SP): Universidade São Judas Tadeu, Programa de Mestrado em Ciências do Envelhecimento; 2015.
5. Souza D, et al. Evidências psicológicas do surfe: efeitos terapêuticos e demandas assistenciais. *Motrivivência.* 2021;33(64):1-23.
6. Rocha L. Surfando para a vida: um estudo sobre o papel do surfe como prática pedagógica libertadora [dissertação]. Fortaleza (CE): Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira; 2017.
7. Neves N. Surfista se lesiona? Estudo descritivo acerca dos acidentes sofridos por praticantes de surf no litoral do Rio Grande do Norte [monografia]. Natal (RN): Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Educação Física; 2017.
8. Cordeiro J, et al. Fatores etiológicos e prevalência de lesões buco faciais em surfistas de Fortaleza. *Rev Bras Ciênc Esporte.* 2018.
9. Burgess A, Swain MS, Lystad RP. An Australian survey on health and injuries in adult competitive surfing. *J Sports Med Phys Fitness.* 2019;59(3):462-468. doi: 10.23736/S0022-4707.18.08381-0.
10. Bhumin J, et al. When the wave breaks you: magnetic resonance imaging finding after surf injuries. *Sports Health.* 2020; 12(1):88-93.
11. Almeida JL, Lains JMC, Verissimo MTM. Contributo para o conhecimento das lesões agudas no surf em Portugal. *Rev Soc Port Med Fís Reab.* 2009;19(1):18-22. Disponível em: <https://spmfrjournal.org/index.php/spmfr/article/view/33/34>
12. Hanchard S, et al. Chronic and gradual-onset injuries and conditions in the sport of surfing: a systematic review. *Sports.* 2021;9(2):23. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/sports9020023>
13. Steinman J. Surf e saúde. Florianópolis: Editora Tao; 2003.
14. Reddy V, et al. Surfers' awareness of the preventability of 'surfer's ear' and use of water precautions. *J Laryngol Otol.* 2011;125(6):551-3.
15. Morris S, et al. Awareness and attitudes towards external auditory canal exostosis and its preventability in surfers in

- the UK: cross-sectional study. *J Laryngol Otol.* 2016;130(7):628-34.
16. Lennon P. et. al. Auditory canal exostoses in Irish surfers. *Ir J Med Sci.* 2016;185(1):183-7.
17. Lahaye C. L'exostoses du surfeur liée aux froides. Université de Bordeaux; 2018.
18. Lopes IM. Patologia do ouvido externo nos esportes náuticos [dissertação]. Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina; 2017.
19. Lopes JDOM. Exostoses do canal auditivo externo (surfer's ear) [dissertação]. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina; 2020.
20. Moeda FMSFS. Patologia do ouvido e dos seios perinasais nos desportos aquáticos [dissertação]. Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina; 2019.
21. Noutary J. L'exostose ou l'oreille du surfeur, quel rôle pour le pharmacien d'officine? [thesis]. Faculté de Pharmacie, Aix Marseille Université; 2021.
22. Correia SST. Lesões do ouvido em desportos aquáticos [dissertação]. Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina; 2017.
23. Baptista JHSL. Patologias do ouvido decorrentes da prática do surf [dissertação]. Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina; 2019.
24. Coelho V. Ouvido do surfista [dissertação]. Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina; 2018.
25. Ayres J. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. *Ciênc Saúde Coletiva* [internet]. 2001 [citado 30 abr 2021]; 6(1): 63-72. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232001000100005&lng=en. doi.org/10.1590/S1413-81232001000100005.
26. Souza B, et al. Práticas para a saúde: avaliação subjetiva de adolescentes. *Saúde Debate.* 2012;36(95):562-571.
27. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1979.
28. Almeida JL. Lesões no surfe [dissertação]. Universidade de Coimbra, Faculdade de Medicina; 2009.
29. Fari G, Notarnicola A, Di Paolo S, Covelli I, Moretti B. Epidemiology of injuries in water board sports: trauma versus overuse injury. *J Sports Med Phys Fitness.* 2021;61(5):707-711. doi: 10.23736/s0022-4707.20.11379-3.
30. Umeda Y, et al. Surfer's ear in Japan. *Laryngoscope.* 1989;99(1):639-41.
31. Wong B, et al. Prevalence of external ear canal exostoses in surfers, head otorhinolaryngology arch. *Arch Otolaryngol Head Neck Surg;* 1999;125(9):969-72.
32. Kroon D, et al. Surfer's ear: external auditory exostoses are more prevalent in cold water surfers. *Otolaryngol Head Neck Surg.* 2002;126(5):499-504.
33. Chin J. Ear problems in swimmers. *Med Assoc.* 2005;68(8):1-6.
34. Nakanishi H, et al. Incidence of external auditory canal exostoses in competitive surfers in Japan. *Otolaryngol Head Neck Surg.* 2011; 145(1):80-5.
35. Goto T, et al. Three cases of external auditory exostoses in a habitual sauna user. *Nihon Jibiinkoka Gakkai Kaiho.* 2013;116(11):1214-9.
36. Hirose et. al. Surfer's ear and exostoses of the external ear canal. *Intern J Med.* 2016;(11)109:8.
37. Simas V, et al. Prevalence and severity of external auditory exostosis in young people to hot water surfers aged forty years old: a preliminary study. *Affiliations Expand Sports.* 2020;4;8(2):1.
38. Alexander V, Lau A, Beaumont E, Hope A. The effects of surfing behaviour on the development of external auditory canal exostosis. *Eur Arch Otorhinolaryngol.* 2015;272(7):1643-9. doi: 10.1007/s00405-014-2950-5.
39. Altuna M, et al. Prevalencia de exóstosis entre surfistas de la Costa Guipuzcoana. *Acta Otorrinolaringol Esp.* 2004;55(8):364-8. doi: 10.1016/s0001-6519(04)78537-4.
40. Taylor K, et al. Medical illnesses and injuries encountered during surfing. *Curr Sports Med Rep.* 2006;5(5):262-7.
41. Attlmayr B, Smith IM. Prevalence of 'surfer's ear' in Cornish surfers. *J Laryngol Otol.* 2015;129(5):440-4. doi: 10.1017/S0022215115000316.
42. Landefeld K, Bart RM, Lau H, Cooper JS. *Surfers Ear.* Florida: StatPearls Publishing; 2020.
43. Coelho S. Dificuldades relatadas na utilização de protetores bucais no desporto [dissertação]. Porto: Universidade Fernando Pessoa; 2015.
44. Dean N, Bundon A. "Helmets aren't cool": surfers' perceptions and attitudes towards protective headgear. *Intern Rev Sociol Sport.* 2021;56(5):739-756. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1012690220931736>
45. Mindes AR. The perception of hazards among surfers in Southern California. California State University: Long Beach, CA; 1997.
46. Diehm R, Armatas C. Surfing: an avenue for socially acceptable risk-taking, satisfying needs for sensation seeking and

- experience seeking. *Personality Individual Differences*. 2004;36:663-667.
47. Agilonu A, et al. Examining risk-taking behavior and sensation-seeking requirement in extreme athletes. *J Educ Learning*. 2017;6(1):330. Disponível em: <https://doi.org/10.5539/jel.v6n1p330>
48. Spink M. Suor arranhão e diamantes: as contradições do risco na modernidade reflexiva. *Athenea Digital*. 2019;19(1).
49. Le Breton D. *Conduitas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas: Autores Associados; 2009.
50. Veronese AM, Oliveira, D. Conduitas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver. *Rev Gaúcha Enfermagem*. 2010;31(3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472010000300026>.
51. Van M. Sports injury surveillance systems “One Size Fits All.” *Sports Med*. 1997;24:164-168.
52. Finch C. A new framework for research leading to sports injury prevention. *J Sci Med Sport*. 2006;9:3-9.
53. Booth D. *Australian beach cultures: the history of sun, sand and surf*. London: Frank Cass; 2001.
54. Guitiérrez M, Corales C. Surfing scientific output indexed in the web of science and scopus (1967-2017). *Movimento*. 2020;26 (1).
55. Sander R, et.al. Otitis Externa: a practical guide to treatment and prevention. *Am Family Phys*. 2001. 63 (5): 927-937.
56. Rosenfeld R, Schawartz S, Canhão R. Clinical practice guideline. *Acute Exetrnal Otitis*. 2014; 50 (1).
57. Chaves J, et al. A ausência masculina na atenção primária à saúde: uma análise da teoria da ação planejada. *Estudos Interdisciplinares Psicologia*. 2018;9(3):38-57.
58. Carrara S, et al. A política de atenção à saúde do homem no Brasil: os paradoxos da medicalização do corpo masculino. *Physis*. 2009;19(3):659- 678.
59. Paixão JA, Silva MP. O risco na concepção de instrutores de esporte de aventura. *Psicol Soc*. 2017;29:e149927
60. Ângelo GFNR. *Estudo da prevalência da utilização de protetores bucais em praticantes de arte marcial Muay Thai [dissertação]*. Porto: Universidade Fernando Pessoa; 2013.
61. Cavalcanti A, et al. Orofacial injuries in combat sports procttioners. *Pesq Brasil Ontopediatria Clin Integr*. 2012;12(2): 223-228.

ENDEREÇO

Luiz Carlos Marinovic Doro
Rua Jaú, 436 - Canto do Forte
11700-270 - Praia Grande - SP - Brasil
E-mail: lcmdoro@gmail.com

Submetido: 26/05/2021

Revisado: 06/02/2023

Aceito: 06/07/2023